



# ANÁLISE DE TEXTOS BÍBLICOS NARRATIVOS: UMA LEITURA SINCRÔNICA DE MATEUS 2,1-21

## AN ANALYSIS OF NARRATIVE BIBLICAL TEXTS: A SYNCHRONIC READING OF MATHEUS 2, 10-1

**João Cesário Leonel Ferreira**

Mestre em Ciências da Religião com concentração em Bíblia pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor na Escola de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie; no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas e no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jamper. Desenvolve doutorado em Teoria e História Literária na Unicamp.

---

## RESUMO

Este artigo se propõe apresentar um método de análise de narrativas bíblicas baseado nas contribuições da teoria literária que considera o texto bíblico, antes de tudo, literatura. O método divide-se em dois itens: discurso e história. O primeiro procura identificar os processos de organização textual, enquanto o segundo busca a compreensão do conteúdo.

---

## PALAVRAS-CHAVE

Literatura; Crítica narrativa; História; Discurso.

---

## ABSTRACT

This article intends to introduce a method of biblical narrative analysis supported by literary theory contributions considering the biblical text, first of all, as literature. The method has two parts: discourse and history. The first part searches for the processes of textual organization. The second objectives the comprehension of content.

---

## KEYWORDS

Literature; Narrative criticism; History; Discourse.

**E**ste artigo procura salientar os processos que geram dinâmica em um texto narrativo. Toma como base um trabalho sincrônico, ou seja, a análise do texto em sua forma final, para descobrir como o próprio texto indica o caminho a ser seguido para sua interpretação. As propostas aqui apresentadas têm como suporte as contribuições da teoria literária<sup>1</sup>.

Ao dizer isso, deixo claro que não pretendo oferecer uma interpretação do texto bíblico, mas apresentar procedimentos metodológicos para sua análise, apontando para os pontos de contato entre o texto e o método.

<sup>1</sup> O leitor notará a ausência de citação de textos brasileiros que apliquem os princípios de teoria literária e lingüística a textos bíblicos. Isso se dá, creio eu, pelo quase total desinteresse de estudiosos nacionais em tais metodologias.

Existem vários métodos para a análise de uma narrativa. Dentre eles, podem ser citados o estruturalismo, a crítica retórica, a estética da recepção e a crítica narrativa. O primeiro procura descobrir as relações profundas subjacentes ao texto que sempre revelam um sistema estruturado. O segundo enfatiza os métodos retóricos usados pelo escritor a fim de obter determinada reação em seus leitores. O terceiro aborda o leitor como determinante do sentido do texto, procurando descobrir como a leitura produz certa compreensão. E o último método, o que será analisado, focaliza o texto como o centro de sua atenção<sup>2</sup>. Ele apresenta uma história (se verdadeira ou não é um dado irrelevante para o método) que possui unidade e é um bloco com vida própria, não mais condicionado ao seu escritor e leitor originais. O texto possui seus meios de comunicação e o método procura descobri-los para chegar à mensagem transmitida, a fim de que qualquer pessoa, em qualquer tempo, possa entendê-la.

Tal método pressupõe a diferenciação entre “autor real” e “autor implícito”<sup>3</sup>. No ato de criar uma obra, o escritor gera uma versão literária de si mesmo (que não representa todo o seu ser), da qual o leitor toma conhecimento pela leitura da narrativa. O autor só é conhecido pela sua obra. Portanto, quando a lemos travamos contato com o “autor implícito” e não com o “autor real”. Do mesmo modo, o leitor real também não existe mais e é desnecessário tentar conhecê-lo. No ato da leitura, aquele que toma o texto em suas mãos torna-se o “leitor implícito”. E é para ele que o texto se dirige. Na crítica narrativa, o texto assume o lugar de autor e leitor históricos da obra, introduzindo em seus lugares o autor implícito, a narrativa e o leitor implícito.

Toda narrativa tem dois aspectos: “história” e “discurso”. Como define Powell (1990, p. 23):

História refere-se ao conteúdo da narrativa, o que ela conta. Uma história consiste em elementos tais como eventos, personagens e cenários, e a interação destes elementos compreende o que chamamos de enredo. Discurso refere-se à retórica da narrativa, como a história é contada.

Seguindo a estruturação do método, vejamos como cada uma das partes se configura.

<sup>2</sup> Sobre o método, ver os seguintes autores: Berlin (1983); Kingsbury (1988); Powell (1990); Rhoads e Michie (1982); Tannehill (1986, 1990); e a revista *Interpretation*, v. 46, 1992.

<sup>3</sup> Wayne C. Booth cunhou essa distinção em *A retórica da ficção* e Seymour Chatman desenvolveu-a em *Story and discourse*. Umberto Eco usa os termos “autor-modelo” e “leitor-modelo”: veja suas obras *Lector in fabula* e *Seis passeios pelos bosques da ficção*.

# 1. DISCURSO

Dentro deste tópico, interessam-me os modelos de estruturação narrativa<sup>4</sup>, isto é, como o autor implícito constrói seu texto.

Creio que a estrutura de Mt 2,1-12 pode ser discutida em torno de três propostas básicas. Elas se organizam segundo os dados geográficos, as personagens, ou em forma quiástica<sup>5</sup>.

Dentro da divisão do texto seguindo os dados geográficos temos como representantes Raymond Brown, Davies e Allison. Brown (1982, p. 178) divide Mt 2,1-12 em duas cenas:

Cena 1 (2,1-6): Os magos vêm do Oriente a Jerusalém e são encaminhados a Belém. O texto termina com uma citação de reflexão, tomada de Mq 5,1 [no texto Massorético, e na *Bíblia de Jerusalém*. Na *Bíblia Sagrada* de Almeida é o versículo 2] e de 2 Sm 5,2, na qual se faz referência a Belém.

Cena 2 (2,7-12): Os magos chegam a Belém, onde homenageiam o rei e lhe oferecem presentes.

Para Brown, como podemos ver, a cena 1 se desenvolve em Jerusalém, enquanto a cena 2 ocorre em Belém.

Davies e Allison (1988, p. 224) apresentam seis pequenas cenas:

- A. Magos do oriente vêm para a Judéia, procurando pelo rei dos judeus (2.1-2).
- B. Herodes, ouvindo isso, pergunta e recebe a resposta dos sumos sacerdotes e escribas sobre o local do nascimento do Messias (2.3-6).
- C. Herodes divulga a informação aos magos e pede-lhes sua cooperação (2.7-8).
- D. Os magos seguem a estrela até Belém (2.9-10).
- E. Os magos homenageiam a criança e oferecem presentes preciosos (2.11).
- F. Os magos, sendo avisados em sonho para não retornar a Herodes, partem de Belém (2.12).

Comentando a estrutura, afirmam que “A cena A encontra os magos em Jerusalém, e as cenas B e C têm lugar ali.

<sup>4</sup> Para uma visão mais completa do *Discurso*, veja os autores citados na nota 1.

<sup>5</sup> Podemos entender o quiasmo como “uma seqüência de duas frases ou cláusulas que são paralelas, mas com as palavras dispostas em ordem inversa” (ABRAMS, 1971, p. 150). Essa disposição pode aplicar-se também a estruturas maiores (como é o caso dos textos que estamos analisando) ou mesmo a livros inteiros.

A cena D leva-os para Belém, e as cenas E e F acontecem lá” (DAVIES; ALLISON, 1988, p. 224). Não há dúvida de que a linha estruturadora para eles está na situação geográfica.

Já para a divisão de texto segundo as personagens, podemos analisar as propostas de Donald Hagner, David Garland e Ulrich Luz. Todos trabalham com os magos e Herodes como personagens centrais.

Hagner (1993, p. 24) divide o texto da seguinte forma:

- (1) A chegada e mensagem dos magos (vv 1-2).
- (2) A reação temerosa de Herodes (vv 3-8).
- (3) Os magos completam a jornada na adoração da criança (vv 9-12).

No item 1, ele não define o porquê da vinda dos magos. Com isso, o item 2 fica carecendo de sentido. Somente na última parte fala da adoração da criança. É uma proposta muito simplificada.

Garland (1993, p. 25) propõe a seguinte estrutura:

Dois segmentos: 2:1-8 e 2:9-12. Cada um destes segmentos começa com uma viagem dos magos e a menção da estrela que os atraiu em seu aparecimento (2:2, 2:9).

Deve-se notar que Garland acrescenta a estrela como veículo estruturador do texto, paralelamente aos magos. Por outro lado, deixa de lado a presença de Herodes.

Por sua vez, Luz (1993, p. 156) faz a seguinte proposta:

Depois da pergunta introdutória dos magos (v. 1s), o relato se divide em duas partes: o encontro com o “falso” rei dos judeus, Herodes (v. 3-9a), e o encontro com o “verdadeiro” recém-nascido rei em Belém (v. 9b-12).

Na estrutura de Luz, os magos têm um papel de preponderância, visto que o texto está dividido segundo o encontro destes com Herodes, na primeira parte, e com Jesus, na segunda. No entanto, deixa de mencionar a questão da adoração por parte dos magos e de Herodes.

A terceira proposta é de uma segmentação quiástica. Usam essa abordagem Aline Steuer e Florencio Mezzacasa.

Steuer (1992, p. 50) apresenta o texto na seguinte disposição:

- a. vv.1-2. Introdução dos magos com sua busca, após interpretarem os sinais.
- b. vv.3-8. Os magos diante do rei Herodes, com o contraste entre eles.
  - b'.vv.9-11. Os magos, na presença de Jesus e Maria, oferecem seus presentes
- a'.v.12. Os magos outra vez discernem os sinais.

Essa proposta, embora possua uma apresentação diferente, é muito parecida com a de Luz. Os itens a e a' poderiam ser chamados de introdução (como faz Luz) e conclusão (falta na estrutura de Luz) e aí teríamos basicamente a mesma proposta, inclusive com a ausência do tema da adoração.

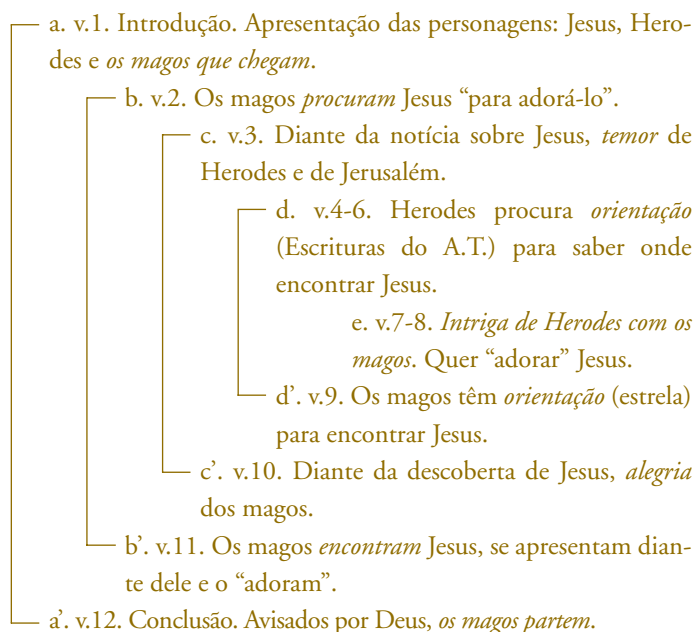
A apresentação de Mezzacasa (1992, p. 22) tem a seguinte forma:

- a. Os magos vêm do Oriente a Jerusalém (v.1).
  - b. Vêem a estrela do Messias de Israel e vieram adorá-lo (v.2).
    - c. Herodes e Jerusalém ficam perturbados (v.3).
      - d. Indagam: onde nasceu (v.4).
        - d.' Resposta: quem é (v.5-6).
      - c.' Herodes internamente planeja matá-lo (v.7-8).
    - b'. Vêem a estrela, se alegram, o encontram [a criança], o adoram e lhe oferecem presentes (v.9-11).
  - a'. Os magos regressam ao Oriente sem passar por Jerusalém (v. 12).

A proposta de Mezzacasa é mais desenvolvida do que a apresentada por Steuer. Entretanto, gostaria de apontar alguns dados que precisariam ser corrigidos. Embora Mezzacasa note que os magos buscam Jesus e o encontram para adorá-lo (itens b e b'), ele não menciona o falso desejo de adoração por parte de Herodes (v. 8) que, na minha opinião, é central no texto. Outra observação é que ele não coloca em paralelismo verbos de sentimento como: “perturbar-se” (v. 3), por parte de Herodes e toda Jerusalém, e “regozijar-se” (v. 10), relacionado com os magos. Esses verbos têm uma função estruturadora bastante clara. Um último dado é que Mezzacasa indica como

central em sua estrutura o diálogo entre Herodes e os sumos-sacerdotes e escribas (itens d e d' nos versículos 4 a 6), mas me parece que esse diálogo é secundário, funcionando como dado preliminar para que Herodes tenha seus temores justificados e procure a criança para matá-la. Creio que central é o contato entre Herodes e os magos nos versículos 7 e 8.

Depois de analisar as várias propostas de estruturação, apresento a minha. Ela segue uma orientação quiástica semelhante à de Steuer e de Mezzacasa, manifestando, porém, algumas diferenças a título de correção.



A estrutura assume o verbo de intenção “adorar” (v. 2, 8, 9) como organizador do texto. É em torno dele que se desenvolve a narrativa, no desejo e busca sinceros por parte dos magos, e na intriga de Herodes e seu falso desejo de adoração. Tal verbo fornece também o caráter de conflito entre Herodes e Jesus e Herodes e os magos, o que pode ser visto também pelos verbos de sentimento “perturbar-se” (v. 3) e “regozijar-se” (v. 10). A dinâmica entre as partes conflitantes pode ser observada pelos verbos de movimento: “vir” (v. 1, 2), “ir” (v. 8[2v]), “chegar” (v. 9), “partir” (v. 9), “entrar” (v. 11), “voltar” e “retornar” (v.12); e pelos verbos de informação: “perguntar” (v. 4); “indagar” e “avisar” (v. 8), “ser informado” (v. 12).

---

## 2. HISTÓRIA

Como já foi dito, a história é o conteúdo da narrativa. Ela é composta de três elementos: eventos, personagens e cenários. O modo como esses três dados se relacionam dá origem ao enredo.

O objetivo desta análise é verificar como cada elemento desse se apresenta no texto e como eles desenvolvem o enredo.

---

### 2.1. EVENTO

Evento é “o que acontece”, mas não somente isso, é o “como acontece”. Alguns elementos são centrais para o desenvolvimento de uma história; outros são secundários, isto é, não são fundamentais para o desenvolvimento do enredo, e sem eles a história não ficaria prejudicada. Esses eventos são classificados em “centrais” e “satélites” (POWELL, 1990, p. 36).

Mt 2,1-12 é um típico texto que representa um evento central. É importante lembrar que Mateus, diferentemente de Lucas, não narra o nascimento de Jesus, apenas fazendo referência a ele em uma frase do versículo 1 do capítulo 2. Em seu lugar, coloca o texto dos magos. Além disso, 2,1-12 é central porque introduz a crise que revela aceitação ou rejeição do rei recém-nascido. Essa crise se ampliará neste evangelho a partir daí.

Outro dado para a análise do *evento* é o que Powell (1990, p. 40) chama de “causa”. Isto é, o tipo de consequência que o texto desperta em sua continuidade. Esse dado deve ser analisado, visto que muitos textos do Novo Testamento são fragmentários e têm pouca, e com certa frequência nenhuma, ligação com seu contexto. No caso de nossa perícopes a situação é outra. O leitor, tendo conhecimento de que Herodes nutre más intenções com respeito à criança, e sendo informado de que os magos são avisados para não voltarem à presença de Herodes, o que efetivamente fazem, se pergunta: o que acontecerá à criança? Para sua família? Herodes se esquecerá do que aconteceu? Ou tentará achá-los a fim de eliminar a ameaça? Se isso acontecer, o que poderá fazer uma pequena família para se



defender? A seqüência do texto em 2,13-15 responde às perguntas que permanecem no ar ao término da leitura do v. 12.

Outro componente, com certeza o mais importante na análise de eventos bíblicos, é a “análise do conflito”. Rhoads e Michie (1982, p. 73) afirmam que:

os eventos e ações de uma história geralmente envolvem conflito, porque conflito é o coração da maioria das histórias. Sem conflito, a maioria das histórias seria apenas uma seqüência de eventos ligados sem tensão, suspense ou disputa da parte dos personagens.

Não é necessário desenvolver esse tema, visto que já foi abordado na apresentação da estrutura do texto no item 1, Discurso. Deve-se ressaltar aqui que o conflito é importante para Mateus a ponto de apresentá-lo tão precocemente, já na infância de Jesus. Aqui ele entra em conflito com uma autoridade civil, Herodes. Esse conflito reaparecerá na Narrativa da Paixão com Pilatos (capítulo 27). Mas é necessário lembrar que em 2,1-12 há também o conflito entre Herodes e os magos. É importante lembrar que o conflito nesse texto não é solucionado. Herodes, o principal opositor, sai de cena com sua morte (2,19), mas os sumos-sacerdotes e escribas, que no texto exercem um papel secundário, junto com os fariseus, ocuparão o papel central de opositores a Jesus no desenrolar do evangelho de Mateus.

## 2.2. PERSONAGENS

---

Personagens são atores que desenvolvem as atividades que dão forma ao enredo. Podem ser pessoas ou animais, como acontece em Gênesis, capítulo 3. Podem ser também uma pessoa ou um grupo de pessoas que assumem determinado papel, como acontece nos evangelhos, no caso das “multidões”.

As personagens são apresentadas ao leitor pelo autor implícito, que fornece suas características e as orientações para que possam ser entendidas corretamente. A abordagem das personagens em Mt 2,1-12 se dá no contexto do “cenário de conflito”. Em nosso texto, os principais opositores são os

magos e Herodes – Jesus não atua, sendo o centro em torno do qual gravita o conflito; os sumos-sacerdotes e escribas desenvolvem papel secundário.

Uma das formas de apresentar as personagens é pela “empatia” ou “antipatia” (POWELL, 1990, p. 56-57). Essa é uma questão de sensibilidade. Na leitura de narrativas, geralmente “sentimos” empatia, como que assumindo o papel da personagem. Nosso desejo é estar em seu lugar, fazendo o mesmo que ele. Creio que em Mt 2,1-12 é esse tipo de sentimento que o autor implícito desperta nos leitores por meio dos magos. São figuras fascinantes que vêm do Oriente, orientados apenas pelo surgimento de uma estrela, enfrentam o astuto Herodes e, finalmente, encontram Jesus e de modo comovente oferecem presentes a ele. Todo cristão gostaria de estar no lugar deles. O surgimento desse sentimento mostra a sensibilidade literária do escritor.

Por outro lado, é quase que imediato o sentimento de antipatia para com Herodes. Em lugar de alegrar-se com o nascimento de Jesus e de unir-se aos magos na adoração, perturba-se e começa a tramar contra a criança. Seus sentimentos e ações nos levam para longe dele. Desse modo, o autor implícito dirige o leitor para o lado certo do conflito.

Outra maneira de induzir o leitor a uma compreensão correta das personagens é pelo recurso de “contar” ou “mostrar”.

Ao mostrar (também chamado de “método dramático”), o autor meramente apresenta suas personagens falando e agindo e deixa que o leitor infira quais são as motivações e disposições que estão por trás do que dizem e fazem. Ao contar, o autor intervém de modo autoritário para descrever, e geralmente para avaliar, os motivos e disposições de suas personagens (ABRAMS, 1971, p. 21).

Em Mt 2,1-12, o autor implícito apenas “mostra” as personagens. Ele não acrescenta nenhum comentário ou avaliação sobre eles, como faz, por exemplo, com José em 1,19, passagem em que afirma que ele era “justo”. Essa técnica é menos precisa do que “contar”, mas é mais interessante. E, somada a outras técnicas, ajuda a formar um ponto de vista correto sobre as pessoas envolvidas na narrativa.

Outro modo de o autor implícito fornecer visão sobre as personagens é pelo “ponto de vista apreciativo”. Para Powell (1990, p. 53-54):

o termo refere-se a normas, valores e visão de mundo que dirige o modo de uma personagem olhar as coisas e fornecer seu julgamento sobre elas [...] Na prática, todavia, o termo é geralmente usado para descrever a inclinação de uma personagem em direção à verdade ou à mentira.

Em Mt 2,1-12, o autor implícito apresenta o ponto de vista dos magos sobre Jesus. Ele é “o rei dos judeus” (v. 2), que deve ser adorado (v. 2, 10). O leitor é levado a assumir uma posição de empatia para com eles, portanto também deve aceitar Jesus como tal. Já o ponto de vista de Herodes em relação a Jesus está envolvido em temor (v. 3). Segundo Kingsbury (1988, p. 46), isso se deve ao fato de que “Jesus surge aos olhos de Herodes como uma ameaça que quer assumir o trono de Israel. É por isso que Herodes planeja matar Jesus (2:8, 13)”.

Pode-se dizer que, de modo implícito, a presença de Deus se manifesta no texto. Deve-se subentender que é Ele quem avisa os magos por meio de sonhos para que não voltem à presença de Herodes (v. 12). Isso indica que Deus, pela orientação, coloca-se ao lado dos magos. Esse dado é muito importante para que o leitor forme sua opinião assumindo o partido dos magos dentro do conflito com Herodes.

Podemos dizer que o autor implícito pretende que todo leitor se coloque ao lado dos magos e deseje reconhecer Jesus como rei, adorando-o.

## 2.3. CENÁRIO

---

O cenário fornece o contexto em que as personagens atuam. Como essas, o cenário é montado pelo autor implícito com determinados objetivos. A intenção ao analisá-lo é tentar perceber que papel desenvolve dentro da narrativa.

O cenário pode ser classificado em “temporal”, “espacial” ou “social” (POWELL, 1990, p. 70).

“Cenário temporal” diz respeito ao tempo em que uma personagem atua. Ele pode ter um sentido apenas cronológico, especificando o tempo em que a ação se dá ou o período de tempo em que ela se desenvolve, ou tipológico, indicando um sentido simbólico. Por exemplo, os quarenta dias passados por Jesus no deserto e seguidos pela tentação por Satanás, narrados em Mt 4,1-2. Eles seriam apenas dias cronológicos ou teriam um sentido simbólico, fazendo referência aos quarenta anos passados pelo povo de Israel no deserto?

Com respeito ao cenário de nossa perícopa, não há nenhum dado relevante no texto, nenhuma indicação de tempo decorrido em seu desenvolvimento; somente a referência de que os magos vieram do Oriente a Jerusalém “em dias do rei Herodes” (v. 1).

“O cenário espacial” geralmente é o mais importante nos evangelhos. Neles, por exemplo, opõem-se a Galiléia, como a região do ministério de Jesus, e a Judéia, mais especificamente Jerusalém, como o lugar onde ele é martirizado e morto.

Em Mt 2,1-12, as principais indicações geográficas são Jerusalém e Belém.

Belém é a pequena cidade onde nasce e permanece a criança, cumprindo assim as profecias do Antigo Testamento (v. 5 e 6). Sobre ela brilha a estrela, indicando a presença do recém-nascido. Nela os magos adoram Jesus.

Jerusalém, por sua vez, é a grande cidade, a capital política e religiosa onde estão o falso rei e seus cúmplices, sumos sacerdotes e escribas. Nela se manifesta o temor diante do nascimento do verdadeiro rei e inicia-se a conspiração contra ele, conspiração que terminará com sua morte.

Um dado significativo no “cenário espacial” é como ele se desenvolve em relação a Jesus, da distância para a proximidade. Os magos vêm do Oriente para Jerusalém (v. 1). Dali partem e chegam a Belém (v. 8 a 10) e, finalmente, entram na casa onde se encontra a criança (v. 11). Essa observação espacial mostra a persistência dos magos em encontrar a criança.

O “cenário social” inclui instituições políticas, estruturas de classes, sistemas econômicos, costumes sociais e o contexto cultural presentes na obra literária. A análise desse tipo de cenário é importante em textos bíblicos em função da distância histórica deles para com o leitor. Muitos dos dados tidos como conhecidos pelo escritor escapam à percepção do

leitor moderno. É relevante observar que o “cenário social” em nosso texto está intimamente ligado com o espacial, principalmente quando vincula os magos ao Oriente, e Herodes, sumos-sacerdotes e escribas a Jerusalém.

Os cenários exercem função preponderante no texto. Sem eles a narração não faria sentido. O nascimento de Jesus fora de Belém seria irrelevante, bem como a oposição de Herodes fora de Jerusalém perderia muito de sua intensidade. Isso já tem sido observado pelos estudiosos, como Stendahl (1995, p. 69-80), que sugerem uma organização de 1,18-2,23 segundo os dados geográficos.

## CONCLUSÃO

---

A leitura sincrônica em qualquer estudo exegético sério é imprescindível. Ela permite que o exegeta tenha um contato maior com o texto, gerando, assim, maior intimidade entre eles. Dados do texto que passariam despercebidos sem esse tipo de análise surgem com toda sua força quando se tem paciência e persistência para esperar a descoberta deles.

Neste artigo, abordei a perícopes na perspectiva da “análise narrativa”, procurando perceber como os elementos do próprio texto produzem uma dinâmica interna. Nesse sentido, analisei o “discurso” e a “história”. No primeiro, que trata da forma da narrativa, discuti várias propostas de estruturação do texto e apresentei a minha. No segundo, que indica o conteúdo de um texto narrativo, citei os vários componentes de uma história que, nas mais variadas combinações, fornecem o tom particular de cada narração. São eles: evento, personagens e cenários.

Penso que a análise feita permite que construamos uma interpretação mais apurada do texto, na medida em que indica sua organização e os próprios caminhos de como pretende ser interpretado.

Ao dizer isso, não quero julgar irrelevante qualquer análise diacrônica que busque entender os textos bíblicos à luz de seus contextos histórico, político, econômico, social e religioso. Não. Apenas indico que é necessário, para o estudo de textos bíblicos, principiar com aquilo que é o básico: o próprio texto.

- ABRAMS, M. H. *A glossary of literary terms*. 3. ed. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.
- AUGUSTINOVICH, Agustín. *Evangelios intrigantes*. Caracas: Ediciones Tripode, 1992.
- BERLIN, Adele. *Poetics and interpretation of biblical narrative*. Sheffield: Almond Press, 1983.
- BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Editora Arcádia, 1980. [Tradução de *The rhetoric of fiction*].
- BROWN, Raymond E. *El nacimiento del Mesías*. Comentario a los relatos de la infancia. Trad. T. Larriba. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982. (Biblioteca Bíblica Cristiandad). [Tradução de *The Birth of the Messiah*].
- CHATMAN, Seymour. *Story and discourse*. Narrative structure in fiction and film. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1978.
- CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the fourth gospel*. A study in literary design. Filadélfia: Fortress Press, 1987.
- DAVIES, W. D.; ALLISON Jr., Dale C. *The gospel according to saint Matthew*. Introduction and commentary on Matthew I-VII, Edinburgo: T&T Clark, 1988. v. 1. (The International Critical Commentary).
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2. ed. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2002. [Tradução de *Lector in fabula: la cooperazione interpretativa nei testi narrativi*].
- \_\_\_\_\_. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. [Tradução de *Six walks in the fictional woods*].
- GARLAND, David E. *Reading Matthew*. A literary and theological commentary on the First Gospel. Nova York: Crossroad, 1993. (Reading the New Testament Series).
- HAGNER, Donald A. *Matthew 1-13*. Dallas: Word Books Publisher, 1993. v. 33. (Word Biblical Commentary).
- KINGSBURY, Jack Dean. *Matthew as story*. 2. ed. Filadélfia: Fortress Press, 1988.

LUZ, Ulrich. *El evangelio segun san Mateo. Mt 1-7*. Trad. Manuel Olasagasti Gaztelumendi. Salamanca: Sigueme, 1993. v. 1. (Biblioteca de Estudios Biblicos, n. 74). [Tradução de *Das Evangelium nach Matthäus I (Mt 1-7)*].

MEZZACASA, Florencio. Nascimento de Jesus y visita de los magos. *Sociedad y Utopía*, n. 4, p. 18-23, 1991/1992.

POWELL, Mark Allan. *What is narrative criticism?* Mineápolis: Fortress Press, 1990. (Guides to Biblical Scholarship).

RHOADS, D.; MICHIE, D. *Mark as story. An introduction to the narrative of a gospel*. Filadélfia: Fortress Press, 1982.

STANTON, Graham N. (Ed.). *The interpretation of Matthew*. 2. ed. Edinburgh: T & T Clark, 1995. (Studies in New Testament Interpretation).

STENDAHL, Krister. Quis et unde? An analysis of Matthew 1-2. In: STANTON, Graham, N. (Ed.). *The interpretation of Matthew*. 2. ed. Edinburgh: T & T Clark, 1995. p. 69-80.

STEUER, Aline. Mateus 2.1-12. *Proclamar libertação*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. v. 18. p. 49-52.

TANNEHILL, Robert C. *The narrative unity of Luke-Acts: a literary interpretation*. Filadélfia: Fortress Press, 1986 e 1990. 2 v.